

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E LITERATURA

VOLUME 21, 2000

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS
DA 1ª GRANDE GUERRA
"O Soldado-Saudade" português nos "nevoeiros de morte"**

"En os vejo, como o Pintor [Adriano de Sonsa Lopes] os viu, o tronco envolto na samarra, e as pernas nos safões, hirsutos e felpudos, como os lusitanos bárbaros de outrora. Descem do seu calvario, patujando, a fundo, com as suas toscas botifarras dentro da neve e da lama, nos trilhos aspérrimos da trincha

Jaime Cortesão, *Memórias da Grande Guerra*(!).

O presente artigo pretende apresentar algumas reflexões críticas construídas a partir de um conjunto documental histórico-literário sobre a participação portuguesa na Primeira Grande Guerra, fundamentalmente na Flandres francesa. A amostra representativa escolhida incorpora obras que foram publicadas no Porto, pelas Edições da "Renascença Portuguesa", entre 1916 e 1924, incluindo aí o número especial da revista portuense *A Águia* de Abril-Junho de 1916 ("Tortuga! e a Guerra"). *

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

(!) Jaime Cortesão, *Memórias da Grande Guerra*, Lisboa, Portugália Editora, 1969, p. 256. A 1ª edição da obra saiu em 1919 (Porto, Edição da "Renascença Portuguesa"), mas neste artigo utilizaremos a presente reedição.

Esse universo narrativo exprime-se por meio de discursos de diversa natureza (diários, memórias, crônicas, ensaios, poesias, uma peça de teatro), mas manifesta-se a matriz dominante de depoimento vivencial guerrista, por vezes muito condicionado pela leitura pessoal sobre o destino histórico português, com as exceções do estudo político-económico sobre o conflito internacional, da autoria de José de Macedo, e das considerações sobre navios de guerra e guerra naval, escritas por Basílio Teles.

Entre os autores estão importantes vultos das elites intelectual e militar da época, como Jaime Cortesão, José de Macedo, Basílio Teles, Manuel Gomes da Costa, Augusto Casimiro, João Pina de Moraes, Carlos Afonso dos Santos (Carlos Selvagem), Alexandre Malheiro, Eduardo Pimenta, Alfredo Barata da Rocha, Adelino Mendes, Bento de Carvalho Lobo (Visconde de Vila-Moura). Quanto aos colaboradores do referido número da revista *A Águia*, figuram, entre outros, Teixeira de Pascoaes, Teófilo Braga, Gomes Leal, Alberto de Oliveira, Raul Proença, Jaime Cortesão, Jaime de Magalhães Lima, João de Barros, Henrique Lopes de Mendonça, Leonardo Coimbra, Augusto Gil, Augusto Casimiro.

1. História, Literatura e Guerra

O processo social de construção da identidade, quer se trate de uma sociedade, de um grupo ou de um indivíduo, faz uso da íntima relação entre memória (passado), vivência (presente) e projecto (futuro), recorrendo a várias categorias de referentes identitários, entre os quais se encontram os materiais e físicos (território ou clima), os históricos (origens ou acontecimentos marcantes), os psicoculturais (sistema de valores ou hábitos colectivos) e os psicossociais (actividade ou motivação)⁽²⁾.

Há sempre, com óbvia diferença de intensidade, um "jogo dos possíveis", entretecendo o biológico e o cultural⁽³⁾, que mobiliza uma dimensão genealógica e uma dimensão ambiental, definindo assim traços

⁽²⁾ Alex Mucchielli, *L'identité*, Paris, Presses Universitaires de France, Colecção "Que sais-je?", 1986.

⁽³⁾ François Jacob, *O Jogo dos Possíveis. Ensaio sobre a diversidade do mundo vivo*, Lisboa, Publicações Gradiva, 1982, p. 125.

de uma "personalidade de base"⁽⁴⁾. Durante o processo de identificação-singularidade, torna-se necessário, seguindo Eric Erikson, operar uma distinção, atribuir um significado e conferir um valor⁽⁵⁾. A escrita diarística e memorialística evidencia esse processo de construção social da memória, mas também alicerça a construção historiográfica do passado: afirma Jacques Le Goff que a "memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro [...]"⁽⁶⁾.

O tempo da escrita dessas narrativas de guerra tem uma grande proximidade com o exaltante tempo histórico descrito (tensão trágica entre a vida e a morte), impregnando por isso as descrições de uma forte dramatização emocional que não lhe retira o imediatismo, habitualmente "reformulado nos termos distanciados e amadurecidos que o memorialismo implica [...]"⁽⁷⁾. Pode então colocar-se o problema de se estar mais perto do género narrativo do diário / autobiografia do que do género narrativo das memórias, se se enunciar a questão da distanciação.

Por outro lado, convive com frequência um discurso auto-justificativo e propagandístico do cidadão-político combatente (ideologicamente motivado) com o fino olhar crítico reconstrutivo de tensões psicológicas, de circunstâncias físicas ou de situações de confronto militar, revelando-se assim uma encruzilhada de escritas, onde se mistura a literatura de justificação com a literatura histórica. Um dos riscos que daqui decorre é o do "uso e abuso da História" - na expressão consagrada de Moses Finley - como lugar legitimador de discursos ideológicos⁽⁸⁾.

Sendo o campo historiográfico estabelecido a partir de uma escolha seleccionada, portanto de uma relação de valores, o fundo do

(4) Jean Stoetzel, *Psicologia Social*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d., pp. 41-93.

(5) Eric Erikson, *Identity, youth and crisis*, Nova Iorque, W.W. Norton & Company, 1968.

(6) Jacques Le Goff, "Memória", in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, *Memória-História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 47.

(7) Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1990, pp. 99-101.

(8) Moses I. Finley, *Uso e Abuso da História*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1989. Para a realidade portuguesa, cf. Luís Reis Torgal, *História e Ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva Editora, 1989.

problema para o historiador não é o de anular as "verdades ideológicas" normativas que o sujeito histórico enuncia, mas sim o de optar pela natureza do sentido a imprimir à compreensão histórica, tendo em vista, como refere Paul Veyne, reencontrar nos acontecimentos individualizados "uma espécie de generalidade ou mais precisamente de especificidade", passando da "singularidade individual à especificidade, quer dizer ao indivíduo como inteligível (é por isso que 'específico' quer dizer ao mesmo tempo 'geral' e 'particular') [...]"⁽⁹⁾.

No mundo destas narrativas de guerra é fácil surpreender discursos que comunicam memórias elaboradas de experiências, transportando para o presente uma clara intenção política. O Homem, ao vaguear pelo tempo-memória com finalidade interveniente, propicia um acto comunicativo que apela a uma cumplicidade partilhada; a propósito, explica Philippe Ariès: "[...] *le témoignage n'est pas le récit détaché d'un observateur qui dénombre ou d'un savant qui démonte, mais une communication, un effort passionné pour transmettre aux autres, qui contribuent à l'Histoire, sa propre émotion de l'Histoire. Il fait penser à ce besoin de confiance de l'homme ému par une grande douleur, ou une grande joie, ou tenaillé par le souci [...]*"⁽¹⁰⁾.

Deste modo, a guerra vivida (e sofrida individualmente) ao ser recordada (e comunicada publicamente) permite a generalização de um mundo de atitudes e valores que, ao propiciar a activação de um sistema de incitações interindividuais⁽ⁿ⁾, pode criar uma área de opinião pública⁽¹²⁾. Se se verificar a generalização do "contágio mimético" alargado, a memória individual amplia-se em memória de grupo, recorrendo-se não raras vezes a dimensões mitificadas do heroísmo e, nestas circunstâncias, tanto são significativas as evidências como os silêncios.

⁽⁹⁾ Paul Veyne, *Como se escreve a História*, Lisboa, Edições 70, 1983, p. 74.

⁽¹⁰⁾ Philippe Ariès, *Le Temps de l'Histoire*, Paris, Éditions du Seuil, 1986, p. 86.

⁽ⁿ⁾ Para a relação entre história e psicologia, cf. Lucien Febvre, "Uma visão de conjunto. História e Psicologia", in *Combates pela História*, vol. II, Lisboa, Editorial Presença, 1977, pp. 141-159; Amadeu Carvalho Homem, "História e Psicologia: reflexões sobre o conhecimento do objecto ausente", *Interações*, Coimbra, n.º 2, 1995, pp. 29-38.

⁽¹²⁾ Para a teorização e metodologia de abordagem geral dos fenómenos de opinião pública, cf. Jorge Borges de Macedo, "A opinião pública na História e a História na opinião pública", *Estratégia. Revista de estudos internacionais*, Lisboa, n.º 1, 1986, pp. 47-59.

O narrador-antigo combatente que pretende seguir esta estratégia reinventa o concreto tempo-vivência no decurso da elaboração utópica do tempo-projecto, podendo até evocar um tempo-memória da experiência nacional, lido como referente exemplar. Veja-se o caso de Jaime Cortesão, em *Memórias da Grande Guerra*, que, em face de uma imagem de Portugal como "Nação entorpecida" desde os finais do século XVI e assente no "génio do Povo" revelado em "isolados clarões de relâmpago", como aqueles que se manifestaram durante as Invasões francesas, o Ultimato inglês, a Revolução republicana ou a Grande Guerra, propõe um novo "abalo" na vida portuguesa em direcção a uma República "progressiva e fecunda", fazendo-a "entrar nas grandes correntes do trabalho moderno [...]O³).

O guerrismo espelhado nos memorialismos republicanos de Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, João Pina de Morais ou Carlos Selvagem transportava uma visão profética redentora, ancorada numa dupla justificação de sentido patriótico: a justificação política de aliados naturais do bloco demoliberal anglo-francês contra o expansionismo cesarista alemão; a justificação ética de uma proposta de revigoração moral das energias nacionais que o soldado encarnava.

Jaime Cortesão já em 1914, no início da campanha pública pela participação militar portuguesa na Grande Guerra, enunciava essa visão profética, fundada numa opção civilizacional pela "livre e democrática" Inglaterra e pela "grande, bela e generosa" França contra a Alemanha "imperialista e militarista" e a Áustria "católica e déspota"⁽¹⁴⁾, simbolizando em dois filósofos essas duas visões do mundo por si estabelecidas: de um lado, Jean-Marie Guyau (1854-1888); do outro lado, Friedrich Nietzsche (1844-1900)⁽¹⁵⁾. Augusto Casimiro, na mesma linha de pensamento, falaria de um combate entre "dois princípios hostis: a liberdade generosa e a força tirânica" ⁽¹⁶⁾.

No número especial da revista *A Águia* de 1916, vários intelectuais, incluindo Cortesão e Casimiro com textos poéticos,

⁽¹³⁾ Jaime Cortesão, *ob. cit.*, pp. 19-30 ("O Génio do Povo") e 259-262 ("Post-Scriptum").

⁽¹⁴⁾ *Idem*, "A guerra", *O Norte*, Porto, 1º ano, nº 31, 5 Ago. 1914, p. 1.

⁽¹⁵⁾ *Idem*, "Teatro de Guerra. I-Guyau e Nietzsche", *ibidem*, nº 119, 17 Nov. 1914, p. 1.

⁽¹⁶⁾ Capitão Augusto Casimiro, *Nas Trincheiras da Flandres*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1918, p. 14.

carrearam também em textos ensaísticos esse tipo de argumentos ético-políticos⁽¹⁷⁾. Por exemplo, Teixeira de Pascoaes, evocando a velha aliança anglo-portuguesa, proclama que o "Passado vela pelo Futuro" e conclui pela íntima ligação da sorte de Portugal à sorte da Inglaterra e da França; Teófilo Braga alega o risco de se perder a Ocidentalidade como matriz de base do equilíbrio europeu; Raul Proença apela à mobilização moral dos portugueses para estabelecer um "nexo patriótico" e sustentar a nossa participação na guerra, caracterizada fundamentalmente como guerra económica, ao contrário de Cortesão que desde o início a considera eminentemente política⁽⁸⁾; Mayer Garção detecta a oposição essencial entre o direito e a força no conflito; Lopes de Mendonça adverte para o perigo do germanismo ameaçar a civilização greco-latina, "única verdadeiramente expansiva e fecunda"; e Leonardo Coimbra define um sentido da guerra marcado pelo "esforço transcendente das forças espirituais" contra "a vertigem materialista do mundo moderno".

2. "Morrer pela Pátria" e "Matar pela Pátria"

Na diarística e no memorialismo de guerra encontra-se habitualmente uma versão apologética da acção do soldado combatente (o camponês fardado, o "magala"), mas também surge a valorização da oficialidade miliciana que correu riscos na frente de combate. Panteonizados civicamente nos túmulos do Soldado Desconhecido ou nos vários monumentos aos mortos da Grande Guerra, deste modo se evidencia novos discursos de legitimação ético-política e uma nova

(17) A *Águia*, Porto, n.º 52-53-54 (n.º especial: *Portugal e a Guerra*), 1916; *maxime* Teixeira de Pascoaes ("A Guerra", pp. 109-111), Teófilo Braga ("Qual será o novo equilíbrio europeu?", pp. 112-115), Raul Proença ("Unidos pela Pátria!", pp. 119-126), Jaime Cortesão ("Cântico Lusíada", pp. 127-130), Marcelino Mesquita ("Benditas Guerras", pp. 131-132), Mayer Garção ("O direito e a força", pp. 139-140), Henrique Lopes de Mendonça ("A peçonha germânica", pp. 141-142), Leonardo Coimbra ("O sentido da Guerra", pp. 143-152) e Augusto Casimiro ("Hora de Nun'Álvares", pp. 155-162).

(8) Jaime Cortesão, "As causas da guerra", *O Norte*, Porto, 1.º ano, n.º 35, 10 Ago. 1914, p. 1: "A primeira das causas, de ordem política, é evidentemente o militarismo cesarista da Alemanha. Vêm depois os interesses económicos em luta! [...]".

hierarquia social devedora da coragem física e da integridade moral, que não excluía a intenção de "morrer pela Pátria" e de "matar pela Pátria", moldando assim uma ética do patriotismo¹⁹).

A narrativa de Cortesão é paradigmática a este respeito, estando percorrida por uma leitura redentorista da acção do soldado, que devia convergir politicamente com a acção de uma vanguarda elitista iluminada: "Colectivamente na guerra, na nossa guerra, salvou-se o soldado. Ele foi, sempre que o não enganaram, paciente, sofredor e heroico [...]. Entre os oficiais, por via de regra, quanto mais galões, pior [...]. Porque a guerra educa [...], as velhas virtudes da arraia-miúda, que nele [soldado] dormiam, acordaram [...] para se afirmarem mais uma vez a única grande força da grei [...]. De novo, como sempre, uma reduzida minoria de eleitos e iluminados [...] se encontrou unicamente com a arraia, para realizar os milagres que redimem [...]"⁽²⁰⁾.

Nessa mesma parte das *Memórias*, Cortesão pretende mostrar a Guerra como escola de valores (honra, valentia, solidariedade), propiciando uma mudança de carácter que, no caso do "magala", o transformara de "soldado bonacheirão e humilde", "sonâmbulo", "galhofeiro e manhoso", num "homem novo", numa "legião de gigantes", onde estavam o Esgalhado, o Baldaia ou o Rancheiro da Segunda, que aprenderam a "desprezar a morte e o sofrimento" e souberam entender qual é o valor da vida, construindo pilares da urgente regeneração do corpo nacional.

Jaime Cortesão construiu um processo narrativo exemplar, revelando o homem confrontado com a morte e desocultando - o que chamaria em 1926 - "as máscaras de convencionalismos e mentiras",

⁽¹⁹⁾ Cf., por exemplo, *L'Histoire*, Paris, n° 107 (Spécial-14-18: *Mourir pour la Patrie*), 1988, *maxime* Michel Winock, "Au nom de la Patrie" (pp. 12-21) e Jean-François Sirinelli, "La génération du feu" (pp. 132-136); Gérard Vincent, "1914-1918: nunca mais. A guerra dita", in *Historia da vida privada* (Direcção de Philippe Ariès e Georges Duby), vol. 5, *Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias*, Porto, Edições Afrontamento, 1991, pp. 203-213. No caso português, as guerras em Angola, Moçambique e Guiné, nos anos 60-70, propiciaram também várias representações literárias - Cf. João Medina, "As Guerras Coloniais em África e a Literatura Portuguesa Actual (1961-1974)", *Vária Escrita*, Sintra, n° 5, 1998, pp. 19-45.

⁽²⁰⁾ Jaime Cortesão, *ob. cit.*, pp. 251-257 ("O Soldado da Grande Guerra").

por meio das quais o ser humano esconde as verdadeiras faces: "As almas ficaram a nú e guardaram por muito tempo - e quantas para sempre! - o jeito de se mostrarem na sua esplêndida nudez [...]"⁽²¹⁾.

Sendo uma constante ãs narrativas guerristas a evocação do heroísmo dos soldados, tal não obsteu a que se produzisse uma leitura antropológica dos seus hábitos profundos, que Carlos Selvagem de forma vigorosa sintetiza: "O nosso lapuz das Beiras e Alentejo - a grande massa destas tropas - é, por natureza, por hábitos ancestrais, por desamor de si próprio, desleixado e porcalhão. Todo o navio fede a um fartum gordurento e sórdido, misto de rancho coagulado e pé descalço. E, com a falta de água doce para as lavagens frequentes, os miseráveis uniformes de cotim cinzento ganham uma cor parda, de causar engulhos aos menos susceptíveis [...]"⁽²²⁾.

À partida, portanto, colocava-se o problema do espírito militar dos soldados e da capacidade dirigente das chefias em face dessa massa humana, e é precisamente na verificação positiva da sua resposta a nível dos comandos intermédios que surge a evocação generalizada da liderança dos oficiais milicianos vindos das Universidades, "com

⁽²¹⁾ *Idem*, "A literatura da Grande Guerra. I- Portugal e o estrangeiro", *A Guerra*, Lisboa, ano Iº, nº 4, 9 Abr. 1926, p. 24.

⁽²²⁾ Carlos Selvagem, *Tropa d'África*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1919, pp. 24-25; na 4ª ed. de 1925, a obra intitular-se-á *Tropa d'África. (Jornal de campanha dum voluntário do Niassa)*. Noutro relato memorialístico - também com grande audiência na opinião pública da época - sobre a viagem imediatamente seguinte, que levou para Moçambique novos contingentes dessa 3ª expedição militar, conñrma-se o mesmo ambiente de degradação no interior do vapor: "[...] o pequeno corrimão de ferro frio, engordorado e salitroso, dá-me um contacto glacial; as paredes de ferro, pintadas a cinzento, exsudam uma camada orvalhenta que dá náuseas; os degraus de madeira estão torpemente empastados de gordura, de restos de rancho, que se derramou e de mascarras esverdeadas de vômitos. Reprimo a custo uma convulsão de estômago em contacto com este estendal ignominioso. Continuo a descer e vou pensando como haja organismos humanos capazes de resistir a esta hedionda atmosfera [...]. Uma agonia glacial estrangula-me a garganta. Estou no fundo da quadra, no fundo deste porão maldito que nitidamente faz lembrar a horrorosa casa do pêndulo de que fala o sombrio Edgar Poê [...]"- Cf. António de Cértima, *Epopeia Maldita. O drama da guerra d'África: quefoi visto, sofrido e meditado pelo combatente [...]*, Lisboa, s.e. [Portugal-Brasil Depositária], 1924, p. 29. Para uma análise dessa obra, cf. Ernesto Castro Leal, "Heroísmo em António de Cértima: psicologia e sociedade", in *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992, pp. 505-523.

alma de condestáveis", na opinião modelar de Augusto Casimiro⁽²³⁾.

Há contudo a considerar também o enunciado de versões críticas face a sectores da classe política, a chefias militares ou à estratégia de guerra: "Portugal vivo, Portugal da Flandres, os soldados de África e da França choram o abandono a que os votaram as sombras de Portugal [...]. Os calvários da França hão-de ser a redenção da nossa miséria [...]"⁽²⁴⁾; "as nossas elites governativas, todas elas, mais ou menos, são incapazes dos grandes actos redentores, enquanto o Povo, apesar de ignorante e desorientado, é ainda e sempre a maior esperança [...]"⁽²⁵⁾; "Nada se organizou com método, com acerto, como se pensa em fazer para as tropas de França. [...] a pobre tropa de África [...]"⁽²⁶⁾; "De Portugal nem um reforço [...]", numa alusão à nova política de Sidónio⁽²⁷⁾; "[...] o drama da Grande Guerra não foi compreendido, nem sentido, em Portugal [...]"⁽²⁸⁾.

A saudade, a partida, o dever militar

Momento de forte tensão física e psicológica, o embarque dos combatentes do cais de Alcântara-Mar surge em várias narrativas como lugar privilegiado de observação e interpretação de comportamentos perante realidades que se tornariam fisicamente ausentes. Cortesão divulga a seguinte imagem, a partir do ambiente de despedida do contingente onde ia o seu cunhado e amigo íntimo Augusto Casimiro: "Há lágrimas, abraços, olhos atados em êxtase, e uma alegria doida no rosto dos que vão [...]. Não há um único rosto triste. Antes uma alegria generosa e bárbara, que brota da profunda consciência da sua missão, radia das suas faces, enaltecendo-lhes as rústicas figuras de cavões e zagais [...]"⁽²⁹⁾.

⁽²³⁾ Capitão Augusto Casimiro, *ob. cit.*, pp. 93-98 ("O Elogio do Miliciano").

⁽²⁴⁾ *Idem, ibidem*, p. 120.

⁽²⁵⁾ Jaime Cortesão, *ob. cit.*, p. 240.

⁽²⁶⁾ Carlos Selvagem, *ob. cit.*, pp. 20 e 373.

⁽²⁷⁾ Capitão Augusto Casimiro, *Calvários da Flandres*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1920, p. 78.

⁽²⁸⁾ Alfredo Barata da Rocha, *Névoa da Flandres. (Versos)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1924, p. 10.

⁽²⁹⁾ Jaime Cortesão, *ob. cit.*, p. 44.

Por certo que os discursos patrióticos oficiais das Sociedades de Instrução Militar Preparatória, das Sociedades de Assistência, das Comissões de Madrinhas de Guerra ou da Cruzada Nacional das Mulheres Portuguesas prepararam muitas consciências guerristas, mas também é verdade que as consciências antigueristas não deixaram de existir na sociedade portuguesa fortemente polarizada sobre a intervenção na Grande Guerra⁽³⁰⁾.

O choro do único soldado, que Cortesão divisou na imensa e compacta massa de combatentes, como contraponto a uma alegria colectiva (com excessos que atribuía ao vinho), com certeza que não teria essa singularidade, pois o sentimento (afecto, saudade, sobrevivência) é uma das dimensões da pessoa humana. A estratégia descritiva visava promover uma argumentação de civilismo guerrista, posição considerada essencial para defender a "terra sagrada da Pátria"⁽³¹⁾. Na *Cartilha do Povo*, adquirida aos milhares pelo Ministério da Guerra para distribuição aos soldados, Cortesão era bem explícito, quando na voz de Manuel, Soldado proclama: "Antes eu morra cem vezes na guerra do que os meus e a minha Pátria fiquem para sempre enxovalhados e miseráveis! [...]"⁽³²⁾.

Augusto Casimiro regista, deste modo, a sua partida, exprimindo uma mentalidade de fundo messiânico (ou milenarista?) sobre o destino português: "Os navios abalam... Jerónimos, Torre de Belém, espectro da Aurora nascente... E a terra passa, fica, os soluços mudos largam o voo... O coração dilata-se... Ah! - que doce embalo!... Que nau nos leva?... É o mar!... É outra vez o mar! O mar... [...]"⁽³³⁾. Cumpria-se assim a sua sistemática

(30) Para aigUns registos do debate sobre a participação na Grande Guerra, cf. Ernesto Castro Leal, *Nação e Nacionalismos. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 41-47.

(31) Jaime Cortesão, *ob. cit.*, pp. 41-47.

(32) [Jaime Cortesão], *Cartilha do Povo. 1º Encontro. Portugal e a Guerra*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1916, p. 28. A autoria da *Cartilha* é-nos assim revelada: "E que faz o Governo? Por que não aproveita a primavera das almas para lançar a boa semente? Oh! por mim não se dirá que não cumpro o meu dever. De combinação com o ministro da Guerra [José Norton de Matos], escrevo a *Cartilha do Povo* para o soldado. Mas o plano fica em meio. Por minha culpa? Não. Mas como tenho um lugar no Parlamento, é ali que me cumpre falar [...]"- Cf. *Idem, Memórias da Grande Guerra*, p. 26.

(33) Capitão Augusto Casimiro, *Nas Trincheiras da Flandres*, pp. 30-31.

campanha, que exprimiu na palavra de ordem "Mandem-nos partir!" í³⁴).

A dor da partida não estava, obviamente, ausente, e as leituras triunfalistas, muitas vezes hiperbolizadas pela retórica literária e política, devem ser relativizadas no processo de construção histórica do passado. Pina de Moraes refere, na despedida serrana, soluços a bater e gritos dolorosos⁽³⁵⁾; Carlos Selvagem vê no dia de embarque um dia de lágrimas e balbúrdias⁽³⁶⁾; Eduardo Pimenta comunica o embarque tumultuário: "Na loucura romântica de uma visão de glória partiam para o país distante, onde os clamores da guerra são gritos de fúria selvagem, tempestades violentas de crime f.. J³⁷).

Devedor do programa cultural saudosista do sector da "Renascença Portuguesa", que se identificava com as reflexões sobre a identidade nacional de Teixeira de Pascoaes⁽³⁸⁾, Pina de Moraes percorre o seu discurso com justificações para o estado de espírito nostálgico dos soldados, o qual, no entanto, dispõe de um forte poder criador: "Que admira tanta Saudade [...]! Era lusíada! [...]. A saudade lusíada é o velo de oiro dos espaços, à procura das cinzas do bem perdido, que o pecado de todos espalhou na Via Láctea, não sei onde [...]. A sua saudade nasce nos corações, ergue-se nas Fragas, corta Oceanos, peleja nas batalhas, vôa nos céus e dorme na História [.. .]"⁽³⁹⁾.

(³⁴) *idem, ibidem*, p. 23.

(³⁵) Tenente Pina de Moraes, *Ao Parapeito*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1919, p. 11.

(³⁶) Carlos Selvagem, *ob. cit.*, p. 11.

(³⁷) Eduardo Pimenta, *A Ferro e Fogo. Na Grande Guerra (1917-1918)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1919, p. 97.

(³⁸) O Saudosismo de Pascoaes era uma proposta de compreensão da "peculiaridade" da "alma lusíada", a "Saudade", mas também recobria uma dimensão interventiva na busca de um ideal de "Renascença": "Deu-nos a revelação da Saudade o conhecimento da essência espiritual da nossa Raça, na sua íntima figura extática e nas suas exteriores e activas qualidades. Logicamente nos dará também o conhecimento do seu profundo sonho secular, cada vez mais despedido da originária névoa encobridora e mais alumiado nas suas formas definidas. Sabemos que a Saudade, ou a alma pátria, significa, em vida activa e sentimental, em *génio popular*, a eterna Renascença [...]. *Se a ideia da Renascença, em Portugal, se tomou génio colectivo, deve competir ao povo português convertê-la em concreta realidade social ou nova Civilização [...]*"- Cf. Teixeira de Pascoaes, *Arte de Ser Português* [1915; 1920, edição definitiva], Lisboa, Assírio & Alvim, 1991, pp. 107 e 113.

(³⁹) Tenente Pina de Moraes, *O Soldado-Saudade na Grande Guerra*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1921, pp. 15-16. A mesma linha de

Esta representação do saudosismo tem inerente, portanto, uma dinâmica de acção, buscando glória para um regresso triunfal, atitude partilhada por Cortesão e Casimiro: é uma construção intelectual para um novo despertar heroico da consciência nacional portuguesa. Cortesão, em 1916, deu um grito anunciador, por intermédio de João Portugal: "Levanta-me essa cabeça. Chegou a hora [...]. Vai para onde a Pátria te chamar [...]"⁽⁴⁰⁾. O problema é que, como observa Carlos Selvagem, os soldados na sua grande maioria não conhecem, não sabem, não sentem o que seja Pátria: "A palavra Portugal ainda decerto os emociona e enternece. A ideia de Pátria, porém não lhes perturba as digestões nem o funcionamento regular do sistema circulatório [...]"⁽⁴¹⁾.

O espaço de guerra, as trincheiras, a morte

Cortesão interpreta o espaço geográfico envolvente de guerra que viveu - a Flandres francesa -, através de uma meticulosa observação da relação entre a terra e as gentes, comunicando configurações do solo, clima, plantações, tipo de habitação rural (a *ferme*), características das cidades, psicologia dos homens, para, por fim, se deter na área da frente de guerra e hierarquizar o perigo dentro de uma faixa - um grande triângulo isósceles - na qual se desenvolve a vida diária do Corpo Expedicionário Português⁽⁴²⁾. Será contudo nas trincheiras de Neuve-Chapelle - "a grande cova, onde se aprende o

pensamento pode observar-se noutro depoimento: "Os rasgos de heroísmo, as feridas sangrentas, os mortos, tudo exalta, decuplica as almas, doira de púnico entusiasmo os combatentes [...]"- Capitão Augusto Casimiro, *Calvários da Flandres*, p. 47. Um não-combatente mas escritor com várias obras publicadas pela "Renascença Portuguesa", recria desta forma o ambiente da partida e da chegada: "[...] o embarque - filas de homens pálidos rasgando as massas torporosas dos que ficavam [...]; por fim o desembarque de todos aqueles soldados atordoados, cheios de saudades, mas firmes, crentes, como que amando, querendo já à Morte, que de alguma sorte iam buscar, procuravam a milhares de léguas! [...]" - Cf. Visconde de Vila-Moura, *Pão Vermelho. Sombras da Grande Guerra (Novela mensal)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1923, p. 24.

⁽⁴⁰⁾ [Jaime Cortesão], *Cartilha do Povo ...*, p. 5.

⁽⁴¹⁾ Carlos Selvagem, *oh. cit.*, p. 28.

⁽⁴²⁾ Jaime Cortesão, *Memórias da Grande Guerra*, pp. 83-97. Uma descrição muito semelhante a esta encontra-se em "Portugal e a Flandres", in Capitão Augusto Casimiro, *Calvários da Flandres*, pp. 7-11.

ofício de morto" (43) - que encontrará a imagem real do combatente português: "Pálidos, magros, exaustos, os pulmões roídos dos gases, os pés triturados das marchas, sem esperança nem apoio moral [...]"(44).

O contacto com o ambiente ao redor das trincheiras propicia a Cortesão uma leitura dramática e nauseabunda da relação entre a vida e a morte no quotidiano da guerra, como está bem patente nesta descrição: "Os vivos têm de viver em promiscuidade com os mortos, - mais do que isso, com as mutilações dos cadáveres. Ali, ao pé da trincheira, a meio duma dessas paredes dum poço de explosão, emergem os dois ossos duma perna em farrapos de podridão suspensos e uma bota ainda calçada [...]. Todo o chão exala carnagem, loucura, nevoeiros de morte. Em certos pontos dir-se-ia que a terra inda está ensopada de sangue negro [...]"(45).

A "miséria da trincha", onde "se vive fora do tempo e do mundo" numa "fraternidade do sangue e das almas" (46), adquire nas várias descrições um lugar obviamente central. O quotidiano era pautado pela frequente ocorrência de chuvas, com as inevitáveis inundações das trincheiras, trazendo a lama (o "homem-lama") e esboroando os taludes, ou pelo aparecimento de fortes nevoeiros e da gélida neve, o que dificultava a capacidade de resposta militar daqueles que vigiam no parapeito: "O parapeito de argila queimada, de sacos rotos e madeiras esfareladas, é o pedestal duma infinidade de estátuas vivas e incompreensivelmente heroicas. Do mar à fronteira aos Alpes faz-se uma formatura de heróis! [...]"(47).

A vida nas labirínticas trincheiras não era fácil e dentro delas caminhava-se sobre as "passadeiras", quando existiam, senão, na invernia, os pés e as pernas enterram-se na lama e a sobrevivência física é posta em causa quando não chega ajuda ou se acrescenta uma acção militar do inimigo. Erguem-se então "calvários" que passam a povoar as "searas da morte", aonde "crucificadas, exangues, agonizam

(43) Jaime Cortesão, *ob. cit.*, p. 164. Um jornalista português, que em Paris respirou o ambiente de guerra, apresenta as trincheiras como "fossos labirínticos" - Cf. Adelino Mendes, *Cartas da Guerra (Janeiro a Abril de 1917)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1917, p. 160.

(44) Jaime Cortesão, *ob. cit.*, p. 180.

(45) *Idem, ibidem*, p. 95.

(46) Capitão Augusto Casimiro, *Nas Trincheiras da Flandres*, pp. 69, 120, 194-195.

(47) Tenente Pina de Moraes, *Ao Parapeito*, p. 38.

almas lusíadas", como de forma expressiva nos comunicou Augusto Casimiro⁽⁴⁸⁾.

Segundo a narrativa de Gomes da Costa, genericamente, os trabalhos nas trincheiras começavam pelas vinte e uma horas, com diferentes grupos a executar tarefas de reparação e aperfeiçoamento dos dispositivos de combate ou de assistência e manutenção sanitária e reposição de abastecimentos. Há então uma trégua tácita, mas vigilante, entre os beligerantes, pois uma metralhadora "facilmente dispersaria essas formigas trabalhadoras [...]"⁽⁴⁹⁾. À uma hora e meia da manhã, os trabalhos são suspensos e dormita-se. Ao amanhecer, tudo "A postos!", pois é o momento provável dos ataques, atingindo o ponto alto às nove horas, com os habituais bombardeamentos. Depois, cava-se, melhorando e aumentando as trincheiras. Ao meio dia, janta-se, e entre as catorze e as dezassete horas volta um sobressaltado repouso, sempre à espera de um novo "estoiro de *shrapnell*", com feridos e mortos. Das dezoito horas ao crepúsculo, ocorrem habitualmente os ataques aéreos.

São marcos de um horário da guerra, mas a guerra alimenta-se da surpresa e a "Morte domina misteriosa e implacável", na observação de Eduardo Pimental⁽⁵⁰⁾. Será uma "guerra maldita", afirma Alexandre Malheiro, feito prisioneiro na batalha de La Lys e libertado após a assinatura do Armistício⁽⁵¹⁾.

⁽⁴⁸⁾ Capitão Augusto Casimiro, *Calvários da Flandres*, pp. 67, 87-94.

⁽⁴⁹⁾ General Gomes da Costa, *O Corpo de Exército Português na Grande Guerra. A Batalha do Lxjs, 9 de Abril de 1918*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1920, pp. 84-112 ("A Vida nas Trincheiras"). Veja-se também esta descrição após o combatente "mergulhar nas trincheiras": "Aí a música era outra e o perigo sempre diante dos olhos. Havia os atiradores especiais, para liquidar o triste que se descuidava erguendo a cabeça um palmo acima do parapeito. O canto da metralhadora, o ronco de morteiro, o berro ensurdecedor da peça de artilharia, a luz ofuscante do *very-light*, a traiçoeira granada de gás, o *raid* à terra de ninguém e a rede de arame farpado e as minas, o assobio arrepiante da bomba de avião. E muitas outras armadilhas para denunciar o inimigo, para o deter, para o matar. Quando se saía daquele inferno labiríntico experimentava-se uma sensação de alívio, de segurança, de contentamento e como que de ressurreição [...]" - Cf. João Sarmento Pimentel, *Memórias do Capitão* [1962], 2ª ed., Porto, Editorial Inova, 1974, p. 191.

⁽⁵⁰⁾ Eduardo Pimenta, *A Ferro e Fogo ...*, p. 79.

⁽⁵¹⁾ Atente-se no seu comentário: "Ó guerra maldita! Se há trezentos anos o Padre António Vieira te classificava já de *monstro*, que nome poderá existir hoje

Comparando com a Flandres, em Moçambique, à torreira do sol africano junta-se o "fundo lodacento" das "absurdas trincheiras" de Palma, os homens pior preparados e os abastecimentos mais escassos, levando os combatentes portugueses a um desigual circunstancialismo mas ao mesmo trágico destino: "Filhos ambos das mesmas serras [...], o sangue que ambos vertem, com tão céptico fatalismo, é igualmente generoso e simples [...]"⁽⁵²⁾.

O heroísmo mitificado, os símbolos, a ética do patriotismo

À convicção inicial de uma Guerra de tempo muito curto, seguiu-se a dolorosa e angustiante experiência de um conflito arrastado e incerto, articulando guerra de movimentos e guerra de posições, cujo balanço geral se saldaria em mais de 10 milhões de mortos e num número colossal de feridos e mutilados. A Europa do século XX assistia à sua primeira grande catástrofe humana e civilizacional, depois de um século XIX relativamente apaziguado.

O esforço português de guerra foi enorme, seguindo para os campos da Flandres contingentes de praticamente todo o país, onde, apesar de alguma imprecisão nos números, morreram cerca de 2 091 (3.7%) dos militares mobilizados, devendo-se acrescentar cerca de 12 508 feridos⁽⁵³⁾. A memória nacional, por via do oral e do escrito, guardaria o heroísmo militar português principalmente manifestado durante a mortífera

no nosso vocabulário que bem possa abranger todas as crueldades e infâmias que à tua sombra vem agora praticando a humanidade? [...]" - Cf. Tenente-Coronel Alexandre Malheiro, *Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg. (Notas dum prisioneiro)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1919, p. 85.

⁽⁵²⁾ Carlos Selvagem, *ob. cit.*, pp. 142,328,368. Outro combatente, republicano que será fundador da *Seara Nova* em 1921, com experiência de guerra em Angola e na Flandres, deixou-nos o seguinte registo comparativo: "Logo fui aliciado por Gomes da Costa para fazer parte do seu Quartel-General. Aceitei todo pimpão, não suspeitando que ia 'passar as passas do Algarve' encafuado naquelas trincheiras do *front*, um frio de morrer e a imobilidade enervante da guerra de cerco, capaz de tirar o juízo e a coragem a qualquer veterano, e muito mais a nós, os combatentes de África, habituados a um clima tropical e à guerra de movimento [...]" - Cf. João Sarmento Pimentel, *ob. cit.*, p. 187.

⁽⁵³⁾ A.H. de Oliveira Marques (Coordenação de), *Portugal da Monarquia para a República*, in *Nova História de Portugal* (Direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques), vol. XI, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 476-477.

ofensiva alemã na batalha de La Lys, em 9 de Abril de 1918: "9 de Abril! Data de uma epopeia [...]. Vejo essa nevoenta madrugada da Flandres; oiço ainda ululante, numa fenomenal confusão de ruídos, o magestoso bramido de milhares de canhões, que, numa fúria doida, o mais poderoso inimigo de então, pusera em actividade contra um simples punhado de portugueses [...]"⁽⁵⁴⁾.

A galeria dos símbolos heroicos da Primeira Grande Guerra exhibe naturalmente o dia do Armistício - 11 de Novembro de 1918 -, o dia da rendição dos Alemães, sonhado pelo Presidente americano Wilson como início de uma "paz sem vitória", que os acontecimentos rapidamente desmentiram. No entanto, nesse dia, o fim da guerra abria um mundo de esperança, que Augusto Casimiro leria desta maneira: "11 de Novembro. Manhã de névoa [...]. Na manhã de névoa há sol, senhores !... [...]"⁽⁵⁵⁾.

Numa guerra com as características pioneiras de "guerra das nações", gradualmente transformada em "guerra total" com milhões de mortos⁽⁵⁶⁾, não há lugar ao culto do heroísmo individual (ao culto da personalidade), daí a poderosa liturgia cívica europeia colectiva ao Soldado Desconhecido, que a "Pátria" coroará nos vários monumentos aos mortos da Grande Guerra. Contudo, em Portugal, deve relevar-se dentro do imaginário guerrista o heroísmo do Soldado "Milhões", que será sujeito a apropriações míticas, rosto concreto das "horas de provação" da batalha de La Lys, finda a qual, no dizer de Augusto Casimiro, os portugueses, "num cortejo de silêncio e tristeza, [...] vão como sonâmbulos [...]"⁽⁵⁷⁾.

⁽⁵⁴⁾ Alexandre Malheiro, *Por via da Guerra. (Contos)*, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1923, p. 76.

⁽⁵⁵⁾ Capitão Augusto Casimiro, *ob. cit.*, p. 162. Mas a interrogação sobre o destino pós-guerra dos combatentes também fazia parte das reflexões correntes, como a que nestes versos do poema "Depois..." se exprimiu: "Findou a guerra. Descansou a Morte./ Fatigou-se, talvez, de nos matar... / E nem eu sei quem teve melhor sorte:/ -Fomos nós, ou quem ela quis levar? [...]" - Cf. Alfredo Barata da Rocha, *ob. cit.*, p. 133.

⁽⁵⁶⁾ Jean Carpentier e François Lebrun (Direcção de), *História da Europa*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, p. 375.

⁽⁵⁷⁾ Capitão Augusto Casimiro, *ob. cit.*, p. 52. Cortesão, convergindo, relata a retirada: "Vamos, como feras acossadas por um incêndio, olhando de vez em vez para trás com olhos endoidecidos pelo espanto. Vamos levados, impelidos, arrastados, como coisas inertes na catadupa dolorosa. Andamos horas. Sigo

O *Diário de Lisboa* apresenta-o assim em Abril de 1924: "Aníbal Augusto Milhais, de 28 anos, soldado que foi do 19 e passou depois ao famoso 15 de Infantaria, uma das mais gloriosas e definitivas figuras da grande guerra - aquele a quem o bravo comandante [João] Ferreira do Amaral chamou 'Milhões' uma vez, e Milhões ficou para sempre - condecorado com a Torre e Espada em plena campanha, diante de 15 mil homens que depois perante ele desfilarão em continência, está em Lisboa a convite do nosso jornal. O antigo soldadinho, que onze meses esteve nas primeiras linhas, no parapeito e na *terra de ninguém* - atirador de 1ª classe e metralhador - é o mais leal e mais puro representante de todos os soldados da guerra [...]'⁵⁸).

Na linguagem oficial, que justifica a condecoração com a 4ª classe da Ordem de Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito, aduz-se a extraordinária bravura e coragem durante a batalha de 9 de Abril, pelo facto de, sendo o nº 1 da guarnição de metralhadoras, ter realizado voluntariamente a defesa do seu pelotão em Huite Maisons, atacando o inimigo e protegendo a retirada dos portugueses e escoceses, saindo em último lugar⁽⁵⁹⁾. Contudo, várias leituras do acontecimento, que o mesmo *Diário de Lisboa* acolhe, acentuam a dimensão simbólica desse gesto, que se prolongara solitariamente nos quatro dias seguintes, até ser recolhido no dia 13 de Abril por um oficial inglês e encaminhado para o acampamento português⁽⁵⁰⁾.

amparado, vacilante, esfrangalhado [...]. Que verdade?! que pesadelo?! que sonho hediondo é este?! Cf. Jaime Cortesão, *ob. cit.*, p. 231.

⁽⁵⁸⁾ *Diário de Lisboa*, Lisboa, ano III, nº 917, 4 Abr. 1924, p. 5.

⁽⁵⁹⁾ *Ibidem*.

⁽⁶⁰⁾ Veja-se alguns fragmentos do relato público legitimador da sua heroicidade: "A história dos actos deste soldado do 15 é conhecida do Exército. Ela é tão grande, tão bela, tão simples, tão comovente que, só por si, sem literatura nem atavios de linguagem, dá uma página de baixo relevo histórico; o desenho de figura recortada de lenda da Távola Redonda, sem a delicadeza de vitral, mas com a portuguesíssima presença da alma e espírito de um cavaleiro, que saísse dos campos às ameias. Este soldadinho, afora façanhas de desprezo pela vida que em muitas ocasiões levou a cabo, com o seu sorriso e a sua inconsciência do próprio valor, assinalou-se no 9 de Abril, cobrindo *sozinho* a retirada das tropas portuguesas, andando 4 dias, de 9 a 13, *sozinho*, sempre com a sua metralhadora às costas, por estradas e barrancos, combatendo, destroçando, atemorizando o inimigo, alimentando-se de amêndoas doces, mal dormindo, e sempre confiado na sua própria estrela [...]. Fez frente a grupos de alemães,

A apoteose nacional das ritualizações cívicas republicanas aos mortos da Grande Guerra acontecerá em 1921, aquando das celebrações públicas ao Soldado Desconhecido, primeiro com os discursos do Presidente da República António José de Almeida na sala e no átrio do Palácio do Congresso, a 7 de Abril, depois com as aparatosas cerimónias de tumulação no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, a 10 de Abril. Por entre essa liturgia cívica, onde o Estado laico republicano investiu o fortalecimento da unidade nacional, podemos encontrar o ressurgimento redentorista da ideia republicana, num momento em que a República-Estado buscava o ideal refundador da República-Regime.

António José de Almeida havia até de, perante o Parlamento reunido para homenagear o féretro de dois soldados desconhecidos e após criticar o "messianismo político" dos "grandes condutores de homens", enunciar a necessidade de um novo "messianismo triunfal e sadio, partindo da alma da Nação, intrinsecamente, fisiologicamente popular, incutindo fé, dando esperança, messianismo cheio de complacência e de bravura, de heroísmo e de perdão [...]"⁽⁶¹⁾. Este "messianismo popular" aproximava a nível interpretativo o conceito de "génio do Povo" de Jaime Cortesão, anteriormente apresentado.

armados até aos dentes, alguns que surgiam nas suas motocicletas a caminho do terreno que fora português [...]. A metralhadora - *única que se salvou naquela acção memorável de 9 de Abril* - nunca a abandonou e nunca deixou de trabalhar [...]" - Cf. *Ibidem*. A hiperbolização dos actos militares do soldado "Milhões" ainda hoje permanece em antigos companheiros da Flandres, como o então soldado Francisco Rebelo, que, já com cem anos, declarou: "Encontrei-o a dar fogo. Saiu de um buraco, armado com muitas metralhadoras de companheiros mortos. Estava todo suado. À sua volta os ingleses encontraram mil alemães mortos"- Cf. David Pontes, "Quando o soldado Rebelo encontrou o soldado Milhões", *Público*, Lisboa, 24 Fev. 1992, p. 20.

⁽⁶¹⁾ *Em Honra dos Soldados Desconhecidos. Discursos proferidos pelo Presidente da República Portuguesa Dr. António José de Almeida na Sala e no Átrio do Palácio do Congresso, em 7 de Abril de 1921*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1921, pp. 20-21. O messianismo, desdobrando-se embora em variantes, era, de facto, uma das componentes ideológicas de vários doutrinários e divulgadores do republicanismo português, desde antes da revolução de 5 de Outubro de 1910 - Cf. João Medina, "Oh! a República!..." . *Estudos sobre o Republicanismo e a Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, pp. 9-78.

O culto oficial ao Soldado Desconhecido era marcadamente laicista, vivido dentro da matriz positivista do culto ao "grande homem" e promovido pelos crentes da "religião da Pátria", por meio do qual se atingiria a exacerbação das múltiplas práticas de culto cívico republicano aos mortos⁽⁶²⁾. A confirmação nacional da unidade significativa entre o símbolo português do Soldado "Milhões" e o símbolo europeu dos Soldados Desconhecidos será dada pela presença destacada (e já mitificada) do antigo soldado transmontano nas solenidades oficiais da "Chama da Pátria", acesa na tarde do dia 9 de Abril de 1924, na sala do Capítulo do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

A natureza destas práticas oficiais colocava óbvias interrogações dentro do mundo católico, iniciando-se um processo de recristianização desse culto, após a Revolução de 28 de Maio de 1926. Um dos momentos fulcrais ocorrerá em 14 de Agosto de 1928, durante a peregrinação e romagem que a Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira promoveu a Fátima (noite de 12/13 de Agosto) e ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória e Campos de Aljubarrota (manhã de 14 de Agosto). Nessa altura, D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja, antigo alferes-capelão na Flandres, proferiu uma alocução em frente do Túmulo do Soldado Desconhecido, afirmando ser necessário acabar com a laicização que se quis dar ao culto, substituindo-a pelo culto religioso⁽⁶³⁾.

A territorialização da memória dos combatentes há-de ter nos diversos monumentos aos mortos da Grande Guerra que, entre 1921 e 1936, a Comissão de Padrões da Grande Guerra promoverá, os símbolos mais próximos das populações, erguendo-se em muitas vilas e cidades diversos altares cívicos para uma "liturgia de recordação" ao heroísmo militar português, principalmente, todos os anos, no dia 11 de Novembro⁽⁶⁴⁾. Conjuntamente com uma rede nacional de monumentos

(62) A.H. de Oliveira Marques (Coordenação de), *ob. cit.*, pp. 674-677. Para uma análise histórica das "liturgias de recordação", cf. Fernando Catroga, *O Céu da Memória. Cemitério romântico e cidto cívico dos mortos em Portugal 1756-1911*, Coimbra, Livraria Minerva Editora, 1999.

(63) Ernesto Castro Leal, *ob. cit.*, pp. 80-82.

(64) Para a tipologia e semiologia dos monumentos aos mortos da Grande Guerra, em França, cf. Antoine Prost, "Les Monuments aux Morts. Culte républicain? Culte civique? Culte patriotique?", in *Les Lieux de Mémoire* (Direção

- baixos-relevos vulgares, pequenos obeliscos, padrões com várias estátuas -, descerraram-se lápides com listas de mortos em unidades militares e alguns Paços do Concelho.

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, com os seus núcleos disseminados pelo país, manteve viva a "comunidade de recordação" e a exigência reparadora das dificuldades económicas, sanitárias e psicológicas por que alguns passavam. Ainda em meados de 1927, o antigo combatente tenente Horácio de Assis Gonçalves - veio a ser secretário pessoal de Oliveira Salazar (1931-1934) e Governador Civil de Vila Real (1934-1944) - alertava: "Há combatentes com fome! Há miséria nos seus Lares! Eles, que foram à Grande Guerra com fome de glória, onde lautamente tomaram parte nos festins em que a *Honra Nacional* pontificara e se engrandecera, vêem-se agora atirados para a mendicidade esfarrapada e faminta, que os esquelética e afronta!...

Para a construção de representações heroicas durante a Grande Guerra, a literatura memorialística dos combatentes ocupa um lugar privilegiado. Algumas das obras mais representativas dessa literatura foram a base donde se partiu para este artigo. Escritas por autores que tinham já quase todos o nome feito na poesia, no teatro ou no jornalismo, como afirmou Jaime Cortesão, a exceção foi dada pelo único escritor revelado pela Primeira Grande Guerra - João Pina de Morais: "[...] o seu livro *Ao Parapeito* ficará como um dos mais, senão o mais expresso de *psiche* do soldado português durante um período da nossa história

de Pierre Nora), tomo I, *La République*, Paris, Gallimard, 1985, pp. 195-225; em Portugal, cf. Joaquim Saial, *Estatuária Portuguesa dos Anos 30 (1926-40)*, Venda Nova-Amadora, Bertrand Editora, s.d. [1991], pp. 19-50.

(⁶⁵) H. [Horácio] de Assis Gonçalves, "Grito de Alma", *A Guerra*, Lisboa, ano 2º, nº 17, Maio 1927, p. 2.

(⁶⁶) Jaime Cortesão, "A literatura da Grande Guerra ...", p. 25.